

## DASSANTA

SOLANGE DIAS

■ 248

Mestre em Artes pela UNICAMP-SP, dramaturga, diretora e arte-educadora. É diretora artística do Teatro da Conspiração de Santo André desde 2000. Orienta Núcleos de Dramaturgia, entre eles, da Escola Livre de Teatro de Santo André e do Projeto Fábricas de Cultura-SP. Dentre seus textos destaca-se “A Princesa e a Costureira”, adaptação do livro homônimo de Janaína Leslão, recebendo Indicação ao Prêmio FEMSA de Melhor Texto infantil Adaptado e APCA de Melhor Espetáculo sobre diversidade sexual e de gênero no universo infanto-juvenil, ambos de 2016.

ouvirouver ■ Uberlândia v. 14 n. 1 p. 248-262 jan. | jun. 2018

## O SERTÃO MÍTICO DE DASSANTA

A todos peço licença para história que vou contar. Falo pouco se não gostar e muito se aos seus ouvidos agradar. Não falo em verso não, só foi sorte de primeira frase. Mas escute aqueles que gostam de ouvir de como as vidas se começam e de como se acabam. O chapéu velho esta aí na frente. Conforme o combinado, que fique nele o preço daquilo que vou contar. Se nada for, peço desculpas de antes. Já sou velho e às vezes posso perder meus sonhos. De onde venho, não interessa não. A vida é passagem e se nela estou aqui neste momento, que o Divino me dê as melhores palavras.

Fala de Olivério – Personagem de “Dassanta”

O texto DASSANTA foi escrito por Solange Dias em 1997 dentro do “Núcleo dos 10”, grupo de dramaturgos coordenado por Luis Alberto de Abreu<sup>1</sup>, tendo como inspiração o sertão cantado e contado pelo compositor e músico baiano Elomar Figueira Melo.

DASSANTA traz Olivério, um velho cego contador, que vagueia pelo sertão vivendo das histórias que conta nas feiras populares. No formato de uma história dentro da outra, Olivério conta a vida de Dassanta, uma bela mulher que vive sozinha em um sertão mítico e que carrega a maldição de trazer a morte aos homens que se apaixonam por ela. Em uma Festa de Bois, dois vaqueiros, Antenoro e Bragadá, disputam o amor de Dassanta.

Em 1999, foi realizada uma Leitura Dramática dirigida pela autora no Teatro Baeta Neves, a convite Departamento de Cultura de São Bernardo do Campo.

Em 2007, o texto é premiado com o 1o. Lugar no Concurso de Dramaturgia Feminina do Núcleo 184 de Teatro, coordenado por Dulce Muniz.

Em 2010, inicia-se o processo de montagem do texto pelo Teatro da Conspiração, como parte das comemorações de 10 anos de existência do grupo. O espetáculo é apresentado nas cidades de Santo André e São Bernardo, além de uma participação na IV Mostra Artes Cênicas Opereta de Poá.

Nessa montagem a fala poética e o rigor estético para com o trabalho de interpretação dos atores, foram a base de pesquisa que o grupo desenvolveu para abordar a aridez do sertão com seus códigos de honra e conduta. Buscou-se um sertão enquanto espaço afetivo que, como diz Guimarães Rosa, “está dentro de todos nós”, em um cenário em que menestréis medievais assumem formas de cegos cantadores, vaqueiros se confunde com cavaleiros e imagens de princesas e donzelas se fundem com pastoras e sertanejas, fazendo com que a linha entre o erudito e o popular deixe de existir.

<sup>1</sup> Luis Alberto de Abreu é autor de mais de cinquenta peças teatrais, entre as quais se destacam a antológica *Bella Ciao*, *Cala a Boca Já Morreu*, *A Guerra Santa*, *O livro de Jó*, *Um trem chamado desejo*, *Borandá* e *Recusa*. É também um difusor do ensino e sistematização da dramaturgia, tendo sido um dos idealizadores da Escola Livre de Teatro de Santo André, na qual foi um dos professores, coordenando o núcleo de dramaturgia.



Cássio Castelan como Olivério. Foto: Felipe Veríssimo.

**Ficha técnica da montagem:**

**Texto e Direção:** Solange Dias

**Ass. De Direção:** Ludmila Dorta

**Atuação:** Ana Claudia Lima, Cássio Castelan, Marcelo Monthesi e Márcio Ribeiro

**Cenário:** Mauro Martorelli

**Figurinos:** Bárbara Fontes

**Prep. Corporal e Danças Regionais:** Fábio Farias e Vivian Maria

**Proj. De Luz:** Cássio Castelan e Sérgio Solér



251 ■

À esquerda, Marcelo Monthesi como Antenor, e à direita, Marcio Ribeiro como Bragadá.  
Foto: Felipe Veríssimo

## DASSANTA

(Feira livre numa região quente. Gritaria Daqueles que oferecem seus produtos: aguardente, benzeduras, frutas e doces. No meio do povo vemos o cego Olivério, que conta Histórias para viver. Do seu lado, um menino, seus olhos).

**OLIVÉRIO:** A todos peço licença para história que vou contar. Falo pouco se não gostar e muito se aos seus ouvidos agradar. Não falo em verso não, só foi sorte de primeira frase. Mas escute aqueles que gostam de ouvir de como as vidas se começam e de como se acabam. O chapéu velho está aí na frente. Conforme o combinado, que fique nele o preço daquilo que vou contar. Se nada for, peço desculpas de antes. Já sou velho e às vezes posso perder meus sonhos. De onde venho, não interessa não. A vida é passagem e se nela estou aqui neste momento, que o Divino me dê as melhores palavras. Numa feira assim, festa igual a essa, um povo igual a este, com velhas rezadeiras, moças casadoiras, crianças arteiras, vaqueiros e homens aprumados, aparece a mulher mais linda do mundo. Na sua sombra, vida e morte comungavam. Era tão linda que os homens fascinados brigavam e morriam. Por onde passava logo depois passava também um enterro, fruto de sua beleza. Era maldição vinda de não sei onde. Ela também não sabia. A mulher linda era Dassanta, pastora de cabras, sozinha na vida, perdida. E por causa de sua sina de ser tão bonita não podia ter ninguém, não. Todos morriam por ela. Era assim. Destino. Fazer o que.

(Enquanto Olivério fala de Dassanta, esta surge numa maneira de mistura que faz com que uma história se coloque no meio da outra).

**DASSANTA:** Um pedaço de chita, moço. É para fazer um vestido. Não é para ficar mais bonita, não. É que não tenho mais um que preste.

**OLIVÉRIO:** Os gritos de feira pararam. Os olhos também. Todos nela. Todos em Dassanta. Os olhos dela sim no chão, envergonhada. Medo de trazer mais tragédia. Logo as velhas gritavam, rezavam junto com maldições. Que voltasse lá para o canto dela, longe de todos. Longe dos olhos dos homens.

**DASSANTA:** Um pedaço de chita, moço. Depois me vou.

**OLIVÉRIO:** Insistia. Mas o vendedor de pano parou ali mesmo. Era tanto brilho para os olhos dele que mão, braço, tudo não fazia nada. Que se há de fazer? E os outros homens então? Era tanta expressão de meu Deus, de suspiros e ais que as moças enciumadas mordiam a boca de tanta raiva, até sair sangue. Uns vaqueiros ali de passagem para o cruzamento, festa do boi que teria na manhã seguinte, não aguentaram não. Logo começaram discussão. Os mais exaltados eram Bragadá, vaqueiro grande, jovem e bonito, e Antenoro, não menos do que o primeiro. Bragadá quando bateu os olhos em Dassanta não teve nada para ninguém. O pior é que

o pouco dos olhos de Dassanta que subiu, também foi para ele. E no meio do povo não havia dois pares de olhos que brilhassem e iluminassem tanto aquele terra perdida. Para os meus olhos de cego, foi imagem mais bonita da minha vida.

**BRAGADÁ:** Deus tinha que ter me dado a vida que me deu. Era para este momento. Agora entendo por que não morri de morte de parto, de doença de molequeou de febre. Muito menos de um chifre de boi nas festas de facão. Era para ver você, Dassanta. Era para ver você.

**ANTENORO:** Sai de perto dela que ela não lhe deu permissão. Mulher assim não se chega tão perto. Fique de longe que ela gostou foi de mim.

**BRAGADÁ:** Não é o que os olhos dela me dizem.

**ANTENORO:** Mas é o que o meu facão vai dizer. Não gosto de ninguém no meu caminho quando uma mulher está no fim dele.

**BRAGADÁ:** Se o facão dirá com quem ela fica, que então seja, Antenoro. Por essa mulher eu luto até com a morte.

**ANTENORO:** Então vem! Você não é diferente de um boi. Lhe pego pelas ventas e esgoelo seu pescoço. Depois abro seu peito, tiro as tripas e o coração. Este seu coração que teima em me desafiar.

**OLIVÉRIO:** Os dois então, com facão em punho, começam a sina da briga. Como na arena quando matam os bois, eles dançam um passo lá e outro cá, até descobrir no outro o ponto frágil, um deslize de olhar, para que no fim, só um fique no chão. A dança é de morte, mas não deixa de ter sua beleza. Dassanta, coitada, aterrorizada. Aconteceu de novo. Mais homens a se matar por ela.

**DASSANTA:** Mas aquele moço, não. Aquele moço, não. Como chamaram ele mesmo? Como é meu Deus?

**OLIVÉRIO:** Bragadá.

**DASSANTA:** Ah, Bragadá! Por que morrer um homem com olhos que mexem com a gente aqui dentro?

**OLIVÉRIO:** A briga se firma. Bragadá fere Antenoro. Quando vai dar o último golpe...

**DASSANTA:** Não moço, faça isso não! Será mais um morto a contar na minha vida, homens que nunca conheci, a não ser o pouco tempo de um momento. Não faça com que eu me arrependa de ter tentado fugir do meu canto um pouco só. É só um pedaço de chita. Não quero mais não. Então não mate. Eu vou embora. Esqueçam, eu não existo mais.

**OLIVÉRIO:** Sai a correr no meio do povo, as mulheres xingando, jogando pedras e pragas. Bragadá não vendo mais Dassanta, esquece de Antenoro ferido no chão e sai correndo em busca dela. Todos tentam impedir. É a morte, vaqueiro, não vai atrás, não.

**BRAGADÁ:** Se é a morte, que o beijo dela seja o facão que vai tirar minha vida.

**ANTENORO:** Isso não fica assim. Essa história só está começando agora.

**OLIVÉRIO:** Se me permitir, Antenoro, faço minhas as suas palavras. Indo correndo como toda história, já pulando parte que não precisa, vemos Dassanta entrando em sua casa pequena e modesta, se trancando toda, portas e janelas. Bragadá correu atrás vindo até onde ela morava e do lado de fora ficou a gritar.

**BRAGADÁ:** Dassantavem aqui fora, deixa de bobagem. Não é morte que traz, não. Bobagem dessa gente. Falatório e maldizer. Vem aqui fora. Vem. Não prende meu amor aí dentro que me deixa todo perturbado. Não seja um boi malvado a desafiar minha paciência.

**OLIVÉRIO:** De lá de dentro nem palavra, nem respiro. Tudo fechado perdido. Bragadá alucinado corre em volta da casa batendo nas portas e janelas. Mas Dassanta fica quietinha lá num canto. Não abre não.

**DASSANTA:** Não abro não.

**BRAGADÁ:** Eu não morri, nem dei morte. Não tem maldição. Então? Vem aqui fora, Dassanta. Nem sol ilumina esta terra tanto quanto seus olhos. Por isso não há chuva nesta terra de meu Deus. É por seu olhar, Dassanta. Seu olhar que queima cada pedaço de terra. Seus olhos acabaram com o resto de tristeza que eu trazia no peito. Vida mais besta é esta que nada acontece. O dia e a noite há tanto tempo são a mesma coisa. Há muito já não tenho pai, mãe, irmãos. Sou sozinho no mundo, assim como você, Dassanta. Agora que a encontrei, agora que a felicidade chegou perto de mim por sopro de pouco vento, você não me quer? Por que? Medo de minha morte? Que morte, se estou aqui? Se estou pronto para levar você embora desta terra que não lhe quer. Dassanta ouve meu lamento, não cria história que não existe, vem aqui fora, vem me ver, vem?

**OLIVÉRIO:** Fala com ele, Dassanta. O moço está que não se aguenta. Se não quer ele, por que não manda embora? Manda ele embora então?! Não tem coragem? É porque o coração bate e você não entende. Não precisa entender, não, Dassanta. Coisas do coração não se explica, só se sente. Fala. Fala aí pelo vão da porta. É onde o pobre coitado colocou sua espera.

**DASSANTA:** Vai embora. Vai. Eu sou a morte, a maldição. Vai embora!

**BRAGADÁ:** Fala voz, vive minha donzela, sou seus ouvidos, sua promessa. Fala, mas daqui não saio não, morro aqui encostado nesta porta, debaixo deste sol que teima em me queimar meu coração. Não bebo, não como mais. Sua voz vai ser minha comida, minha companhia nos meus últimos momentos, mas daqui não sai não.

**DASSANTA:** Não percebe, vaqueiro? Não posso ser de ninguém. Por onde passo a morte vem depois catando seus mortos. Os homens se brigam depois se matam. Nunca fiz nada. Meu erro foi ter nascido nesta terra, onde nada entendo. Se o vaqueiro me tem amor, então vá embora e viva longe daqui. Pegue seu facão, vá matar seus bois em outro lugar. Fuja daqui, que este lugar só traz tristeza.

**BRAGADÁ:** Meu caminho ficou aqui nesta casa, nesta porta. Só da sua fala já me

vivo um pouco, me basta. Se não quiser sair, que não saia, já morro feliz. Oh, Dassanta, não vê que só uma porta nos separa? Não é nada. Não percebe que vou morrer mesmo, mas por causa do seu não?

**DASSANTA:** Não tem palavra que me faça sair.

**BRAGADÁ:** Não tem palavra que me faça ir embora.

**OLIVÉRIO:** Ai as palavras! Sempre elas. Meu viver e comer. Sempre elas a decidirem os caminhos de meu Deus. E assim vai ficar até quando? Uma não sai, o outro não anda. Choram lamentos, pedem os perdidos. Eu já não sei mais o que falar para sair desse conflito. O silêncio. O indeciso. Mas que demora. Não demora muito não. História que demora perde interesse de ouvinte. Que seja. Fala então, Bragadá. Tenta mais uma vez. Fala que ama. Mas de um jeito diferente. Fala. Quem sabe a sorte ouve.

**BRAGADÁ:** Dassanta, aqui eu fico e entrego para você meus últimos dias. Sou vaqueiro e vim para matar o boi. Amanhã era o dia. Mas agora nada me importa mais. Vim para dar morte a um boi e morri nos seus olhos. Ah! Dassanta. Me diz então que não me quer porque não me quer, e não por medo da minha morte. Assim, fico mais resignado.

**DASSANTA:** Bragadá?

**BRAGADÁ:** Ah! Meu Deus! É meu nome. Ouvir Bragadá da boca de Dassanta é mais um suspiro, é mais um sopro de vida. Fala minha esperança. Fala mais.

**DASSANTA:** Não lhe quero porque tenho medo da sua morte, pois lhe quero muito. Desde o levantar de meu olhar ao encontro do seu, não lhe esqueço mais, Bragadá. Nunca mais.

**BRAGADÁ:** Ai, abençoada, se o que sinto não é sozinho, se é igual nosso sentido, arrisca a morte, arrisca, porque sem você já não tenho mais jeito, com você, talvez uma chance de parar o tempo, de mudar a história, de terminar como ninguém previa. Abre a porta, sai e me olha, não lhe toco. Não faço nada.

**DASSANTA:** E o medo?

**BRAGADÁ:** Esquecimento. Não existe.

**DASSANTA:** E se for erro?

**BRAGADÁ:** Terá sempre um conserto. Peca por não se tentar.

**DASSANTA:** Arrependimento?

**BRAGADÁ:** Tenha pelo feito e não pelo não feito.

**DASSANTA:** Ah! Bragadá!

**BRAGADÁ:** Dassanta!

**OLIVÉRIO:** E depois de muita negociação e suspiros de Dassantas e Bragadás, vamos para os finalmente. Dassanta abre a porta. E de novo aquele olhar no olhar, de novo o tempo parando por causa daqueles dois.

**BRAGADÁ:** E agora, o que a gente faz?

**DASSANTA:** Eu não sei. Perdi o jeito.



**BRAGADÁ:** Vem embora comigo, eu cuido de você.

**DASSANTA:** Agora?

**BRAGADÁ:** Agora sim, a vida é curta.

**DASSANTA:** Amanhã. Deixa eu sonhar esta noite. Deixa eu ver se o sonho é verdade. Amanhã, depois do cruzamento, depois que você matar o boi. Veio para isso, gosta disso. É um vaqueiro.

**BRAGADÁ:** Não mente.

**DASSANTA:** Não minto não. É que sair assim correndo... Aqui é minha casa, é onde vivo. Quero tempo para me desfazer. Mulher demora mais, é mais difícil. Você anda por essa terra, é mais fácil. Mas eu tenho que deixar minha vida e arrumar outra. Amanhã. Amanhã já vou conformada.

**BRAGADÁ:** Então que seja. Amanhã. Vai me ver no cruzamento, vai me ver matar o boi.

**DASSANTA:** Tenho medo. Lhe encontro na saída da cidade. Ninguém vê. Nada acontece.

**BRAGADÁ:** Medo nada. Vai lá e se mostra. Mostra quem você escolheu. Mostra que escolheu seu destino. Que a maldição é mentira deste povo.

**DASSANTA:** Não sei.

**BRAGADÁ:** Amanhã lhe espero. E esperando levo você dessa cidade. Não leva nada não. Só você. Você vai?

**DASSANTA:** Não sei não. Vou? Vou.

**BRAGADÁ:** Então que essa noite que agora chegasse depressa. Sonha comigo, Dassanta.

**DASSANTA:** Amanhã.

**OLIVÉRIO:** Amanhã. Mas na noite os acontecimentos se acontecem. Tem Antenoro que jurou vingança, tem a felicidade sem fim de Bragadá, tem o medo de Dassanta. Na noite, numa venda, os vaqueiros reunidos esperando a manhã do cruzamento. Para um vaqueiroo cruzamento é dia santo, comemorado, é o dia de lutar com bois bravos, bois matadorese atravessar as ventas do infeliz com um facão afiado. Dia de mostrar valentia. De felicidade, Bragadá vai entrando na venda, pagando pinga para Deus e o mundo. Antenoro, recuperado da sangria, já de combinado com a malvadeza, chega para Bragadá e pede perdão.

**ANTENORO:** Não queria fazer aquilo. Os olhos dela deixam a gente sem juízo. Perdoa, Bragadá. Não vamos brigar por causa de mulher. Aperta aqui a minha mão e esquece tudo o que aconteceu.

**BRAGADÁ:** Antenoro, do jeito que eu estou hoje, a felicidade rondando todo meu coração, não vou ter malquerer. Aperte aqui minha mão, me dê um abraço, porque agora sou um vaqueiro que não existe de tanta felicidade.

**ANTENORO:** Então vamos comemorar sua felicidade, bebe aqui comigo.

**OLIVÉRIO:** Noite que antecede cruzamento, vaqueiro tem que se cuidar, se bebe,

tem que ser com critério, para poder aguentar o tranco. Se não, no outro dia, o braço não vence, o olho não olha direito. Mas Bragadá na sua alegria, não percebia. Antenoro lhe enchendo sempre o copo. Antenoro sim, firme, no corpo e na vingança.

**BRAGADÁ:** Ela vai fugir comigo, Antenoro, vai embora comigo. Vem me ver amanhã no cruzamento. Depois vou levar ela embora.

**ANTENORO:** Você é feliz, vaqueiro, conseguiu a mulher mais linda. Lhe invejo. Mas inveja de bom coração, pois lhe admiro. Vamos beber à Dassanta.

**BRAGADÁ:** À Dassanta.

**OLIVÉRIO:** À noite, na venda, a bebida e a cantoria, fazem com que Bragadá não perceba o acontecido: Antenoro lhe levando para o mau caminho. Na casa, Dassanta, olhar assustado, medo e paixão. Quer ir com Bragadá, mas receia o que vai encontrar por esse mundo afora. Tinha se acostumado a viver sem muitas intenções, sofrendo as mortes dos homens e as pragas das mulheres.

**DASSANTA:** Se eu soubesse o futuro. Se eu soubesse o depois de amanhã. Será que ainda vivo, Bragadá? Será que nós dois longe daqui? Ah, se eu soubesse o que vai acontecer! Não quero mau para Bragadá. Eu já me acostumei. Mas ele não. Ele é meu amor. Não pode morrer. Por que eu já não fui embora com ele quando me pediu? Por que querer me despedir desta casa que é minha prisão. Minha terras, as cabras, meu sustento. Tudo meu apego. Não sei como me desfazer. Não sei como me deixar. Se ao menos eu soubesse o que vem depois. Ter Bragadá é tudo o que quero. Não me importa o que deixo. Mas se ele depois me deixar jogada pelos cantos? E se a maldição for verdade? E se Bragadá morrer?

**OLIVÉRIO:** A noite inteira Dassanta fica envolta em perguntas, sem saber o que responder, sem saber o que pensar. O pouco que dormiu, foi para ver em sonhos uma região ribeirinha, um rio limpo, um canto suave de pássaro. Quando acordou pensou que era o futuro ficou feliz. O lugar que viveria com Bragadá tinha vida. E tentou acalmar o coração. Agora só precisava de coragem para sair daquela casa e ir para a cidade. Ir para o cruzamento. Amanhece um dia claro, o sol quente. Todos acordaram cedo para as festas dos vaqueiros. Gente já na rua para as lutas de homem e animal. Bragadá vai para o cercado onde ficam os bois sem coração. Não anda na linha reta dos caminhos, bebeu a noite inteira, mas nem percebe, acha que é felicidade. Do seu lado Antenoro sempre a lhe dizer falsas palavras.

**BRAGADÁ:** Vê Dassanta no meio desse povo, Antenoro?

**ANTENORO:** Ainda não, mas logo já chega, mal amanheceu o dia, Bragadá. Vamos lá para o cercado, vamos começar os cruzamentos.

**BRAGADÁ:** Mas Dassanta tem que estar junto. Ela tem que estar lá.

**ANTENORO:** E vai estar, vaqueiro. Mostra a sua valentia, vamos indo.

**BRAGADÁ:** Não sei não. Acho que passei nas pingas.

**ANTENORO:** E aquilo é bebida para derrubar Bragadá. Deixa de ser besta. Ou você

quer que Dassanta pense que você é frouxo?

**BRAGADÁ:** Vejo tudo estranho.

**ANTENORO:** É felicidade. É assim mesmo. Vamos.

**OLIVÉRIO:** Começa o cruzamento. Os vaqueiros vão em ordem. Uns ferindo, outros feridos. Uns matando os bois. Uma matança de encher olhos de povo sanguinário, que vê no sangue dos bois derramado, a justeza desse mundo, o começo no fim, a ordem natural das coisas. O viver do homem na morte dos animais. Bragadá meio tonto, preocupado.

**BRAGADÁ:** Dassanta não vem, Antenoro?

**ANTENORO:** Não foi mentira, não, Bragadá? Forma de fazer você largar dela? Então ela falou amanhã, só para não lhe desagradar naquele momento. Será que não foi mentira não, forma de brincar com você?

**BRAGADÁ:** Mentira, será? Não parecia, não.

**ANTENORO:** E homem percebe mentira de mulher? Não seja besta!

**BRAGADÁ:** Será?

**ANTENORO:** Agora vai lá que é sua vez. Pega a sua raiva e mata o boi. Esquece Dassanta.

**BRAGADÁ:** Quase não vejo nada. Cadê Dassanta, Antenoro?

**ANTENORO:** Não veio não. Esquece.

**OLIVÉRIO:** Bragadá pulou a cerca e pegou o facão. Entra esturricando o boi, olho no olho, vaqueiro e animal. Bragadá buscando controle do facão, a mão que não obedecia. Tremia.

**BRAGADÁ:** Vem boi bravo, lhe espero. Assim como Dassanta.

**OLIVÉRIO:** A dança dos dois começa. O boi arrancava a terra raspando as patas no chão. Olhava para Bragadá como se o soubesse perdido. E parte para cima dele de um jeito sem preparação, pegando Bragadá desprevenido. De um jeito estranho, o boi fere Bragadá no braço e o facão de Bragadá fere o boi nas ventas. Os dois loucos, Bragadá não vendo onde estava, a dor pegando um e outro. Olho no olho de novo. Bragadá pensando no boi e em Dassanta. E em um momento pareceu a Bragadá ver Dassanta no cercado. O povo já fazendo alvoroço. Era Dassanta mesmo, ou só a dor do sangue e da bebida deixando ele vê sonho onde não existia?

**BRAGADÁ:** Grita meu nome, grita e mostra que não é assombração.

**DASSANTA:** Bragadá!!!

**OLIVÉRIO:** E em um segundo, viu que era Dassanta de verdadee nos olhos dela viu também uma mancha escura. Percebeu que perdeu os olhos do boie, na distração, sentiu o chifre do boi rasgando seu ventre e lhe atirando longe.

**DASSANTA:** Bragadá!!!

**OLIVÉRIO:** Os vaqueiros entram no cercado e tiram o boi na base da correria. Bragadá, em vão, enquanto tentava segurar o sangue com as mãos, gritava por Dassanta. Ela, sem pensamento, corre para ele, o povo olhando e não sabendo o que

fazer.

**BRAGADÁ:** Pensei que não vinha mais.

**DASSANTA:** Demorei nas despedidas, o medo me segurava na minha casa. Depois corri pensando que não chegaria e cheguei em hora errada, Bragadá.

**BRAGADÁ:** Cheguei na hora que precisava, eu é que perdi os olhos do boi. Minha felicidade era lhe ver de novo não importava a hora, que fosse agora, que fosse. Foi bom.

**OLIVÉRIO:** Últimas palavras. Último suspiro. Dassanta no choro pequeno só pensa na maldição que não vai embora nunca.

**DASSANTA:** Esse, não podia. Esse, era diferente! Bragadá!

**OLIVÉRIO:** Dassanta, no desespero, pega o facão de Bragadá e não pensa duas vezes: corta o ventre e cai sobre ele. O povo ainda sem saber o que fazer. Antenoro olhando e pagando seus pecados, perdido. Agora aquela terra sem aqueles olhos. Agora essa terra mais seca e no abandono. Sem vaqueiros, sem a moça linda. Acabaram-se as festas, as vendas e os gritos. Dizem que depois da morte, Dassanta ainda não teve descanso. Dizem que a maldição continuou. Dizem que Dassanta era encantada e que virou um lindo pássaro de asas amarelas. O único de uma região de rios que ficava muito longe dali. Dizem que o canto dela era o mais bonito de todos, um lamento, uma tristeza chorando a morte do vaqueiro. Dizem que os homens que escutavam de longe seu cantar iam em busca do raro pássaro e, pelo caminho, morriam de muitas sortes mal resolvidas. Mesmo depois, Dassanta ainda trazia a morte dos homens.

**OLIVÉRIO:** E assim, meu povo, desculpa pelo seu tempo passado, espero que não perdido. Este contador errante vai para outros cantos contando outras histórias de meu povo. Ah, e não esquece que o meu chapéu está ali na frente. Vivo de minhas histórias e trago no peito os meus personagens. E podem não acreditar, mas para mim eles existem. É que os vejo com os meus olhos de cego. Meus olhos de dentro.

FIM



Ana Claudia Lima como Dassanta. Foto: Felipe Veríssimo



Ana Claudia Lima como Dassanta. Foto: Felipe Veríssimo



À esquerda, Marcelo Monthesi como Antenor, e à direita, Marcio Ribeiro como Bragadá.  
Foto: Felipe Veríssimo



Cássio Castelan como Olivério. Foto: Felipe Veríssimo